

“PIANO CARECE DE UMA ENXADA”: A ENXADA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO

“Piano Lacks a hoe”: the hoe as a symbol of resistance and transformation

Marta Bonach Gomes

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC

RESUMO

Refletindo sobre a intersecção entre a vida concreta e sua representação cultural, especialmente na literatura, encontramos a enxada como um objeto simbolicamente poderoso para abordar a identidade goiana. Esse instrumento, símbolo máximo do trabalho com a terra, é retratado pelos escritores goianos Bernardo Élis e Cora Coralina em suas obras, "A Enxada" (1966) e "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais" (1965), respectivamente. Ambos os autores retratam a enxada como uma imagem emblemática da saga do trabalhador desassistido de direitos e dignidade, ressaltando a resistência e a esperança encontradas nas terras goianas. Essa narrativa descritiva e evocativa semeia novos sentidos na terra árida da realidade.

Palavras-chave: Literatura; Goiás; Terra.

ABSTRACT

Reflecting on the intersection between concrete life and its cultural representation, especially in literature, we find the hoe as a symbolically powerful object to approach the identity of Goiás. This instrument, the ultimate symbol of working with the land, is portrayed by the Goiás writers Bernardo Élis and Cora Coralina in their works, "A Enxada" (1966) and "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais" (1965), respectively. Both authors portray the hoe as an emblematic image of the saga of the worker without rights and dignity, emphasizing the resistance and hope found in the lands of Goiás. This descriptive and evocative narrative sows new meanings in the arid land of reality.

Keywords: Literature; Goiás; Land

INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre os pontos de intersecção entre a vida concreta e sua exposição nos produtos de cultura, especialmente no campo das artes poderosas, como a literatura, que possui a capacidade de traduzir horizontes de sentido e nos transportar para realidades vivenciadas pelos autores, deparamo-nos com um objeto altamente simbólico para representar a identidade goiana: a enxada.

Esse instrumento de trabalho essencial junto à terra, a ferramenta que permite ao sertanejo construir seu mundo e garantir o sustento de sua família, tornou-se uma imagem emblemática que conduz uma saga pitoresca: a saga do trabalhador desprovido de direitos e dignidade. Tanto o ilustre escritor goiano Bernardo Élis¹, em seu conto "A enxada" da coletânea "Veranico de janeiro" (1966), quanto a poetisa mística Cora Coralina², em seu poema "A enxada" de "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais" (1965), apropriaram-se desse objeto, cada um a seu modo, para contar histórias marcadas pela crueldade e pelo sofrimento.

A enxada, através das habilidades descritivas e narrativas de Bernardo e Cora, torna-se um ícone da identidade construída com base na resistência, muitas vezes roubada antes de seu pleno florescimento, mas ainda assim uma semente de novos significados plantados na terra.

Considerando que objetos cotidianos são guardiães da memória coletiva, conectando-se à trama de nossas vidas e ao mundo que nos cerca, este trabalho tem como objetivo analisar o conto/poema "A enxada" como um indicador da centralidade da identidade local, representado pela Cora Coralina, e como uma ressonância e evocação do rico horizonte semântico de Bernardo Élis, fortalecendo o processo de construção da memória que fundamenta a "goianidade".

O texto propõe uma estrutura dividida em duas partes principais, seguidas de uma conclusão: a) a primeira parte examina a enxada como um objeto material e seu simbolismo, abordando sua função prática na agricultura, destacando sua importância para a subsistência e o árduo trabalho no campo, e em seguida, explorando seu significado simbólico como ícone da identidade do trabalhador rural; b) a segunda parte analisa a enxada como um objeto material com impacto imaterial, explorando os sentidos e simbolismos que se desenvolvem dentro dos grupos humanos.

Objetos materiais, como a enxada, podem ter significados simbólicos e culturais profundos, influenciando a forma como as pessoas se identificam e se relacionam com o mundo ao seu redor. Desta forma, descreve-se como a enxada se encaixa nessa perspectiva, mostrando como

¹ Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, advogado, professor, poeta, contista e romancista, nasceu em Corumbá de Goiás, GO, em 15 de novembro de 1915, e faleceu no dia 30 de novembro de 1997, na mesma cidade.

² Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cidade de Goiás, 20 de agosto de 1889– Goiânia, 10 de abril de 1985), foi poetisa e contista brasileira. Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, ela teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais), quando já tinha quase 76 anos de idade.

sua presença na vida das pessoas molda sua identidade e influencia a maneira como são percebidas pela sociedade.

A pergunta que surge é o que influenciou Cora Coralina a escrever um poema/conto totalmente voltado para as condições sociais precárias do trabalhador rural, tendo como base a produção literária de seu conterrâneo, Bernardo Élis, em Corumbá de Goiás.

Ao observar da janela da Casa Velha da Ponte, a poetisa questiona quais foram os elementos da identidade e cultura, assim como outros fatores que levaram Élis a escrever seu conto. Separados por décadas desse ímpeto original, também nos perguntamos: o que a levou a escolher um conto tão trágico, carregado de significado sobre a realidade humana, seus dramas e desfechos, a ponto de fazer uma alusão a "A enxada" de seu conterrâneo? Talvez seja a mesma indignação que a motivou na elaboração de seus poemas.

Uma indignação diante da opressão que, frequentemente, expôs tanto ela quanto seu povo à vulnerabilidade; um sistema disciplinar que recompensa alguns e pune outros sem critérios de humanidade. Isso se evidencia quando questionamos, juntamente com a pergunta anterior: quais foram os critérios de distribuição de riquezas e terra, e, conseqüentemente, a imposição de identidade no território da Província de Goiás na época descrita por Bernardo Élis em seu conto?

Conforme documentação histórica, a dominação na região não se limitou apenas à posse da terra, mas também às relações sociais, cujos resultados múltiplos incluem processos de desumanização do outro, como retratado na narrativa de Élis.

No solo goiano e na tradição enraizada aqui, a luta pela sobrevivência era uma realidade constante enfrentada por todos que se aventuravam a estabelecer suas raízes aqui. A relação entre o homem e a enxada, portanto, como componente essencial na construção imaginária de Cora e Bernardo, deve ser considerada como outro elemento incontornável em nossa interpretação. A enxada é uma ferramenta de trabalho, mas também é um símbolo.

É o símbolo da luta pela sobrevivência no sertão, motivo pelo qual os personagens têm uma relação íntima com seu uso, assim como com a terra em que vivem e trabalham. Essa relação é influenciada por fatores culturais, como religião e tradição, que moldam a maneira como os personagens veem e se relacionam com a natureza, um tema central na história.

O conto de Élis aborda os fatores culturais que moldaram a vida dos personagens no início do século passado, refletindo assim na elaboração poética de Cora Coralina.

UMA ABORDAGEM UNIFICADA DA CULTURA E DO SERTÃO: A INFLUÊNCIA DA ENXADA DE BERNARDO EM Cora

Goiás é retratado por Bernardo Élis² como um verdadeiro jardim (des)encantado, um lugar vasto, porém com uma população marginalizada e sofrida. O autor destaca que houve disputas armadas, conflitos políticos

e perseguições na região (Élis, 1959). É possível perceber a relação entre a produção literária e a produção social abordada pelo autor. Nas décadas de 50 e 60, houve um intenso movimento social no campo em Goiás, relacionado ao projeto desenvolvimentista nacional. Um exemplo desse contexto é o confronto de Trombas e Formoso, no qual trabalhadores rurais e militantes do antigo PCB lutaram pela posse da terra.

No conto "A enxada", Bernardo Élis aborda a vida dos trabalhadores rurais, representando a enxada como um objeto que simboliza seu modo de vida e sua subsistência. O conto denuncia as condições desumanas enfrentadas pelos trabalhadores rurais no Brasil.

Por sua vez, Cora Coralina estabelece uma conexão poética com o Homem do Cerrado², identificando-se com o espaço espiritual e afetivo dessa região (autor, ano, página). No entanto, as condições de vida durante o tempo de Cora e Élis não eram muito diferentes, com a terra sendo objeto de acumulação para alguns e sentença de morte para outros. O conto e o poema se encontram na densidade da problemática que desejam abordar, funcionando como um protesto lírico.

Bernardo Élis possui uma vasta obra e seu legado como escritor é extenso. Em seu livro "Veranico de Janeiro"(1959), o conto "A enxada" aborda as narrativas da terra e reflete as contradições da sociedade goiana. A obra combina elementos internos da narrativa com o contexto histórico-social.

Carlos Rodrigues Brandão defende a ideia de que somos seres simbólicos que criam sistemas de regras e códigos de conduta para nossas relações (Brandão, ano, página). Além disso, somos responsáveis por criar histórias, mitos, ideias, ideologias e religiões que moldam nossa visão de mundo e influenciam nossos relacionamentos com os outros (Brandão, 2009, p. 717).

Clifford Geertz afirma que a arte não pode ser compreendida apenas pela experiência sensorial ou emocional, mas também envolve conhecimentos culturais e uma linguagem estética complexa e simbólica (Geertz, 2008c p. 165).

Cora Coralina utiliza metáforas em sua poesia para retratar o lugar, evidenciando as condições dos empobrecidos. Sua poesia contempla várias camadas de conhecimento da realidade, refletindo sobre o contexto atual. A obra de Cora Coralina serve como memória e documento, instigando a reflexão sobre o presente.

A relação entre os despossuídos e os proprietários é formalizada no conto e aborda temas como liberdade, violência e trabalho. Essa abordagem é embasada na tradição crítica materialista dialética, especialmente nas ideias de Antônio Candido:

O nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e enredos do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Esta vocação

ecológica se manifesta por uma conquista progressiva de território (Candido, 2006a, p. 433).

Em "A enxada", o protagonista é um camponês que luta pela sobrevivência em uma sociedade onde a terra é limitada e a vida é difícil. O conto retrata sua luta diária em um ambiente hostil, destacando as limitações impostas pelas circunstâncias, como cor da pele, nível de instrução e posição econômica. A obra de Élis é um exemplo de como a literatura pode explorar e questionar a realidade circundante, denunciando as desigualdades sociais.

No final do poema, ocorre um desfecho trágico em que Piano é morto pelos jagunços do patrão, ressaltando a violência e a brutalidade que acompanham a opressão e a desigualdade social.

Assim, Bernardo Élis, Cora Coralina e outros autores compartilham a visão de que a cultura, a sociedade e a natureza estão interligadas, e suas obras refletem a complexa teia da existência (Castro e Costa, 2007, p.1)

[...] também sugere a contigüidade entre a produção literária e a produção social tematizada pelo autor. Os anos 50 e o início dos anos 60 foram marcados por um intenso movimento social no campo que, em certa medida, se associava ao projeto desenvolvimentista nacional. Em Goiás, estado de origem de Bernardo Élis, ocorreu o confronto de Trombas e Formoso, que reuniu trabalhadores do campo e militantes do antigo PCB na luta armada pela posse da terra.

O legado multifacetado de Bernardo Élis, um escritor prolífico, é digno de menção, especialmente quando se considera a diversidade temática presente em sua obra. Sua coletânea de personagens e situações, de fato, abarca uma ampla gama de tópicos.

Nesse sentido, propomo-nos a investigar um conto específico de Élis, extraído do livro intitulado Veranico de Janeiro, publicado em 1966. Esse conto, intitulado "A enxada", despertaria o interesse da poetiza vilaboense, devido ao tratamento proeminente das narrativas relacionadas à terra.

Este conto não apenas reflete a sociedade goiana e suas contradições enraizadas no tempo e no espaço, mas também explora a relação intrínseca entre essa sociedade e o meio ambiente, delineando assim a constituição das paisagens resultantes dessa interação.

Ao combinar os elementos internos presentes na obra literária com elementos do contexto histórico-social, Bernardo Élis contribui de maneira significativa para a construção de um espelho da condição humana, que é a cultura. Nesse sentido, sua obra reflete e refrata significados experienciais, enriquecendo assim a composição de nosso horizonte simbólico. Sobre esse ponto, como afirma Carlos Brandão (2009, p. 717):

Somos seres simbólicos criadores de teias, tramas, redes e sistemas de regras de relações, de códigos de conduta, de gramáticas de relacionamentos, assim como de contos, cantos, mitos, poemas, ideias, ideologias, visões de

mundo, religiões. Palavras e partilhas como o que continuamente estamos nos dizendo de quem somos e de quem são os outros que não são “nós”. Como deve ser e conviver diante do outro cada ser-de-um-grupo.

Com essas palavras sensíveis, profundas e até poéticas, Brandão argumenta que nós, enquanto seres simbólicos, possuímos a habilidade de conceber sistemas normativos e códigos de comportamento para nossas relações. Além disso, somos os criadores de narrativas, mitos, ideias, ideologias e religiões, os quais moldam nossa visão de mundo e influenciam nossa interação com os outros.

Essa atividade criativa ocorre primordialmente através do tecer das palavras, das estratégias linguísticas que permeiam as gerações e formam a coesiva e contínua tessitura que as entrelaça, mesmo que ocasionalmente quebradas, como no exemplo do conto Piano. Essas palavras e compartilhamentos são fundamentais para compreendermos nossa própria identidade e como devemos coexistir com aqueles que não pertencem ao nosso grupo.

A narrativa, a poesia e as obras de arte transcendentais, ou seja, os objetos estéticos, ultrapassam a experiência imediata, pois estão conectados a diversos aspectos da cultura e possuem uma linguagem estética própria que não se restringe a uma referência direta e simplista. Clifford Geertz, em sua obra "A interpretação das culturas", também alude a isso,

A capacidade de uma pintura de fazer sentido (ou de poemas, melodias, edifícios, vasos, peças teatrais, ou estátuas) que varia de um povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas, um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência (Geertz, 1989, p. 165).

A compreensão da arte vai além da simples experiência sensorial ou emocional, como afirmado por Geertz (1989). Ela engloba conhecimentos culturais e referências, além de uma linguagem estética complexa e simbólica. Cora Coralina utiliza-se desse artifício ao entrelaçar narrativas de Bernardo Élis em torno da enxada. Nessa tematização, a enxada simboliza a consolidação do testemunho testamental do mundo dos goianos, destacando o esforço e a labuta dos empobrecidos.

A obra de Cora Coralina transcende a simplicidade descritiva ao adquirir sofisticação através de sua compreensão cultural e linguagem estética específica. Em um nível mais amplo, a autora abarca diversos níveis de conhecimento da realidade, estabelecendo um olhar que penetra no âmago do contexto cultural de sua época, ainda lançando acenos ao presente.

A poesia de Cora Coralina contempla e emociona, trazendo luz para a obscuridade da vida anônima e dos feitos encerrados pela morte, os quais atravessam a trama e continuam a ecoar, forçando-nos a refletir sobre os princípios de conexão que permeiam tudo o que existe, formando a intrincada teia da existência.

Sua poética se configura como memória e documento, incitando-nos a refletir sobre o presente. Ela formaliza o conflito entre os despossuídos e os proprietários, em torno do qual giram temas relacionados, tais como liberdade, violência e trabalho, entre outros. Assim, os elementos sociais e culturais interagem entre si e com a natureza. Além disso, são esses elos, essas redes e essas comunicações que conectam espaço e tempo, tanto aqui quanto distante, reunindo-os em um presente contínuo.

Essa ocupação do espaço implicou, necessariamente, na representação de elementos relacionados à terra: a natureza, a geografia e, principalmente, os habitantes do campo, bem como o desejo de capturar a história ambiental e social, o espaço da realidade e da ficção. Essas são as teses fundamentais da meditação bernardiana.

Assim, são essas mesmas concepções, ligadas às experiências vividas e ao contexto sociocultural de Cora Coralina, que nos possibilitam interpretar o poema "A enxada". As palavras de Candido (2006) agregam significativamente a nossa compreensão desses aspectos.

O nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país. Talvez o seu legado consista menos em tipos, personagens e enredos do que em certas regiões tornadas literárias, a sequência narrativa inserindo-se no ambiente, quase se escravizando a ele. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social. Esta vocação ecológica se manifesta por uma conquista progressiva de território (Candido, 2006, p. 433).

A representação de Candido (2006) evoca, necessariamente, elementos inerentes ao solo pátrio: as ciências ambientais, a natureza, a geografia e, sobretudo, os habitantes rurais do cerrado goiano. Esse movimento enseja perspectivas de investigação fecundas, que desvendam na literatura um vasto campo a ser desbravado para a compreensão da condição humana e, além disso, da condição humana enraizada em uma realidade sociocultural específica. Por exemplo, isso se evidencia no conjunto lexical presente nas obras literárias, que se entrelaçam com a forma como cada cultura concebe a realidade.

Nas palavras de Candido (2002, p. 87), tal movimento estabelece "uma correlação apropriada entre esses dois aspectos, tornando-se, assim, um instrumento poderoso de transformação da linguagem e de revelação e autoconsciência do país" (Candido, 2006 p. 87).

No caso da relação entre Cora e a produção de Bernardo Élis, a grande proeza da mulher do cerrado transcende e supera, em larga medida, o modo usual de abordar um tema; ela traduz o sentimento em sua poesia, fundamentada no conto, adicionando seu próprio viés estético, na amalgamação entre ficção e realidade. Ambos possuem plena consciência do espaço e de seus contornos, contribuindo diretamente para a construção das identidades.

O que tocamos e vemos e ouvimos e degustamos e sentimos e pensamos, as realidades que inventamos e as realidades que nos veem, nos ouvem e nos inventam, tudo o que tecemos e

destecemos e nos tece e destece, instantâneas aparições e desapareções, cada uma distinta e única, é sempre a mesma realidade plena, sempre o mesmo tecido que se tece ao destecer-se: também o vazio e a mesma privação são plenitude (talvez seja o ápice, o cúmulo e a calma de plenitude tudo está cheio até as bordas, tudo é real, todas essas realidades inventadas e todas essas invenções são reais [...] (Paz, 1988, p. 52).

Este artigo propõe um estudo da singularidade de Bernardo Élis expressa na poesia de Cora Coralina, evidenciando sua Coragem aviltante e a conceituação do próprio escritor. A obra de Cora marca a intersecção entre o universo cultural e a entrada do Sertão, revelando um microcosmo que revela as angústias, tristezas e sobressaltos das personagens e reflete o desencantamento do mundo.

Essas características, presentes em seus contos e poesias, destacam a grandeza de sua obra: a história da cultura de um povo e seu valor literário e interdisciplinar. Trata-se de uma obra-prima que impulsionou a trajetória artística de Bernardo Élis, analisado astutamente por Cora Coralina, entrelaçando suas habilidades na escrita e no trabalho árduo, celebrando um status privilegiado na literatura goiana.

A MANIFESTAÇÃO LÍRICA DA NATUREZA E DA IDENTIDADE HUMANA

O poema "A enxada", de Cora Coralina, retrata a árdua realidade dos trabalhadores rurais no Brasil, especialmente em Goiás. Apesar das adversidades e da exploração, essas pessoas demonstram resiliência e Coragem. Conforme Boas (2010) observa, em culturas mais pobres, onde as necessidades básicas são a principal preocupação, a uniformidade de vida é mais evidente, devido à falta de divisão de trabalho.

Nas palavras do poema, a vida no cerrado é descrita como uma busca constante por comida e moradia, deixando pouco tempo para outras atividades. A metáfora da enxada representa a luta do movimento camponês e a marginalização da população. A estrutura do poema é dividida em duas partes, retratando a dificuldade do protagonista em encontrar uma enxada para trabalhar na roça.

Piano, calado, puxou manso
beira baixeiro.
Enrodilhou.
Sono canino sonhou.
Espeto de carne pingado na brasa.
Farinha bem cheia de monte.
Panela de arrôis gordurando.

(Cora Coralina, 2014, p. 213).

A segunda parte narra a laboriosa ocupação agrícola, as agruras vivenciadas pelo protagonista e se estende, em acréscimo ao relato epigrafado por Bernardo Élis, às consequências post mortem, inerentes à trama do personagem central.

Piano acordou.
Manhã, nem.
Lua no alto parada no céu.
Passarinho dormindo,
o mato dormindo.
O saco nas costas,
Caminho da roça,
patrão muquirana, acredos!

(Cora Coralina, 2014, p. 213-214).

No início do poema, o protagonista busca incansavelmente uma enxada para seu labor agrícola, porém em vão, pois não a encontra em nenhum recanto. Seu sofrimento se dá por conta de uma enxada emprestada, cujo pagamento seria efetuado após o trabalho realizado: "Não desejamos obter de graça. Apenas colheremos a plantação, remuneraremos" (Denófrío, 1992, p. 90).

Consoante a análise de Carneiro (2012, p. 2), tal era o "transtorno que Supriano provocava aos olhos do poder: ele simplesmente solicitava algo em troca de remuneração, porém aos detentores da ordem, nada deveria ser questionado, nem mesmo o empréstimo de uma enxada" (Carneiro, 2012, p. 2). Implorou ao clérigo, ao comerciante e até mesmo ao dono de um suíno, porém ninguém lhe concedeu o favor de um empréstimo de enxada.

O desenrolar da narrativa evidencia a escassez de recursos no campo e a dificuldade do trabalhador rural em obter as ferramentas necessárias para sua labuta. Tais instrumentos delineiam sua condição no mundo como laborioso, produtor e camponês, cuja identidade se materializa na repetição do trabalho e na relação com os objetos que o constituem e possibilitam a construção de seu universo próprio. O piano sonha.

Enxada! Tanto de enxada
entrando no rancho!
Enxada encabada, sem cabo.
Libra e meia, duas libra,
duas caras de marca,
tinindo de novas, lumiando,
relanciando, dadas de graça
pra escolhe.
[...]
Piano acordou.

(Cora Coralina, 2014, p. 213).

Somente no desfecho dessa primeira parte, como passagem a um segundo momento do poema, o protagonista finalmente consegue trabalhar. Não com enxada, que não angariou com os amigos, nem com o padre, nem com ninguém, mas utilizando um pedaço de pau. Vai, sozinho, trabalhar na plantação de arroz do patrão, honrar sua palavra de valor e o compromisso firmado, usando as mãos nuas, em resposta à pressão sofrida por parte do dono das terras. Trabalha duro, com Coragem e determinação, mesmo sofrendo com os ferimentos nas mãos e no corpo:

No desenlace desta primeira parte, em transição para um segundo momento do poema, o protagonista logra, enfim, labutar. Não com férrea, cujo convívio não granjeara com os camaradas, tampouco com o eclesiástico, nem com outrem, mas empregando um pedaço tosco de pau(lenha). Desloca-se, solitário, para laborar nos arrozais do senhorio, honrando sua palavra aprazível e o pacto estabelecido, servindo-se de mãos desnudas, em riposta à opressão sofrida por parte do detentor das terras. Trabalha incansavelmente, com denodo e resolução, embora padeça os agravos nas mãos e no corpo.

Prazo vencido.
Pua de pau furava.
Toco de dedo sangrava,
plantava.
O dia alto,
alto ia o sol,
tinia de quente
Passarinho cantava.

(Cora Coralina, 2014, p. 214).

O poema em questão amalgama com habilidade primorosa elementos da cultura erudita e da cultura popular. Destarte, salienta-se o uso do toco de pau como instrumento empregado para semear as sementeiras agrícolas:

Deus do céu espiava.
Tudo, quasinho acabado.
Roça furada,
plantada.
Um toco de pau,
um toco de braço,
cinco paus de dedos,
feridos na carne.
Restinho de arrôis
no fundo do saco
[...]

(Cora Coralina, 2014, p. 214-215).

Ao término das labutas rurais, quando o plantio se findou, o senhor patrão (coronel) despacha dois pistoleiros com o desígnio de exterminá-lo, visando repreendê-lo por sua alegada "ociosidade" e "rapinagem". Emerge, assim, a triste sina de mais um ser aflito, dentre tantos anônimos erigidos à solidão em paragens distantes, nos rincões do Goiás passado, cujas cicatrizes ainda ecoam no presente.

O poema, ao apresentar tal crueza e explorar a vivência do trabalhador rural, desvela as adversidades enfrentadas em seu labor, submetido a condições precárias e perigosas, desprovido de todo apreço ou reconhecimento por sua árdua empreitada.

Os dois ferrabrases:
– Patrão mando exempla ocê.
Risca ligeiro, na frente.
[...]
Pou

um tiro estrondou.
 [...]
 Passarinho assustou,
 não cantou.
 Atrás do toco
 Piano acabou.

(Cora Coralina, 2014, p. 215).

A morte, expressa com vernáculo simples e linear, evoca a rusticidade do cotidiano rural, onde o abate de um bovino no matadouro equipara-se à eliminação de um sertanejo no cerrado. Nessa narrativa popular, o épico em declínio harmoniza-se com traços regionais, fundindo o sagrado defunto e a mercadoria fetichizada, amalgamando arcaísmo e modernização, local e cosmopolita. (Carneiro, 2012, p. 2)

No meio da roça.
 Piano já frio.
 Sangue coalhado no chão.
 Formigas em festas fartando.
 Restinho de arrôis
 no fundo do pano,
 passarinho cantando.

(Cora Coralina, 2014, p. 216).

No desenvolvimento narrativo, o narrador, mantendo a empatia com o personagem, também passa por uma metamorfose e retrocede em relação à sua posição onisciente, como destacado por Carneiro (2012). Nesse sentido, a obra de Élis, interpretada por Coralina, apresenta elementos que emergem de um lugar íntimo e mediador da relação com o mundo, revelando seu Gênio criador.

Essa relação entre imagem e linguagem narrada envolve análise e interpretação das diversas correntes do discurso contemporâneo, que se relacionam com tradições antigas e modernas.

No entanto, o narrador, influenciado por sua época, não consegue se desvincular da visão depreciativa atribuída aos camponeses naquele contexto, retratando suas personagens como ingênuas, rudes e sujeitas a uma grande tragédia. Assim, a obra repleta de referências ao imaginário coletivo consagra a permanência desses fatos como narrativas dentro de Goiás, com todas as suas nuances históricas e culturais.

– Isso num informo, cumpadre.
 Mais o processo qui o Juiz
 abriu deu in nada.
 E o delegado feiz diligença,
 num teve testemunha,
 diz que num foi crime.
 Morte de acauso,
 os home caçava era tatu.
 viro um rebolo no chão,
 dero tiro de longe,
 acertaro no desinfeliz.
 [...]
 Aí, andaro na lei.

Levantaro o cadave,
mandaro intregá
pra famia faze sepurtamento

(Cora Coralina, 2014, p. 220).

Se no poema *A enxada* Cora transforma a metáfora do instrumento do trabalho cotidiano, transmutado em lugar de fala, o faz sob a perspectiva dos empobrecidos. Passeia, desse modo, pelas paisagens da cidade, numa relação com seus espaços e com os outros que a habitam; o olhar profundo de alguém que tem consciência de como o lugar, juntando estética, política e imaginário, determina o *modus operandi* das relações.

Assim como a Idade Média e o Barroco deram ênfase exagerada para a imagem da morte e a necessidade de martirizar-se, para ter um pós-morte feliz, a modernidade concentrou-se na vida aqui e agora. A “morte de fato”, com isso, repeliu a obsessão pela morte, tornou-se acontecimento banal e efêmero, ocupação de especialistas, especialmente da religião – que aqui não iremos evocar.

Os sertões de Cora e de Bernardo encontram-se num único sertão, em que tudo é tratado daquela mesma forma: o desdém dos afortunados pela classe marginalizada, o embate de forças entre os ricos proprietários do chão e os desprovidos do mínimo e, por isso, sujeitos ao domínio de sua capacidade produtiva, de seu primeiro bem, o corpo. É novamente a cultura que se mistura com o âmbito espaço/temporal, criando um glossário próprio do povo que aqui celebra a morte, no lugar onde apesar de tudo, a vida continua:

– E daí, cumpadre?
– Um crente piedoso sidueu.
Levou carroça de noite,
meteu o falecido num saco,
tocou pra vila,
deixou no portão do sumiterio.
– Bamo chegando pra frente, cumpadre.
Musca ta chamando nós.

(Cora Coralina, 2014, p. 221).

Da ambientação da narrativa ao seu desfecho trágico, Cora Coralina descreve como as representações vivenciais, colhidas do horizonte cultural, podem ganhar robustez em expressões estéticas graças ao trabalho de artistas como Bernardo Élis, que mantêm viva a memória dos tantos anônimos que tombaram em morte fugaz, indiferente, plantando em nós a semente da identidade e o pertencimento a uma história de lutas que antecede a nossa experiência imediata. Narrativas que não devem ser consideradas como meros reflexos da realidade, mas como evocações que mantêm uma relação com o real, sempre na iminência de recordar-nos a importância de celebrar e proteger a cultura e o patrimônio de todos os povos, que também é nosso.

No poema "A Enxada", Cora Coralina utiliza a metáfora do instrumento de trabalho cotidiano para refletir sobre a condição dos

empobrecidos. Explora as paisagens urbanas e a relação com seus espaços e habitantes, revelando a influência estética, política e imaginária na dinâmica das relações. Ao contrário da Idade Média e do Barroco, que enfatizavam a morte em busca de uma vida pós-morte feliz, a modernidade concentrou-se na vida presente. Cora e Bernardo retratam um único sertão, onde a marginalização, o conflito entre os proprietários e os desprovidos de recursos, subjugados pela produtividade de seus corpos, são tratados com desdém pelos privilegiados.

- E daí, cumpadre?
- Um crente piedoso sidueu.
Levou carroça de noite,
meteu o falecido num saco,
tocou pra vila,
deixou no portão do sumiterio.
- Bamo chegando pra frente, cumpadre.
Musca ta chamando nós.

Nesse contexto, a cultura se mistura com o tempo e o espaço, criando um vocabulário próprio para celebrar a morte, mesmo diante da continuidade da vida. Cora Coralina descreve a força das representações vivenciais na expressão estética, destacando a importância do trabalho de artistas como Bernardo Élis para preservar a memória dos anônimos que sucumbiram em uma morte indiferente. Essas narrativas evocam uma relação com o real, relembrando a necessidade de valorizar e proteger a cultura e o patrimônio de todos os

IDEIAS CONCLUSIVAS

A enxada, retratada como símbolo histórico e cultural, carrega consigo um legado de tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações. Ela desempenha um papel fundamental na formação das identidades, conectando origens, memórias e a relação profunda com a terra e o trabalho árduo.

Esse objeto memorial reflete os valores, crenças e tradições transmitidos ao longo do tempo, fortalecendo o senso de identidade coletiva. Os poemas breves expressam um lirismo pessoal e amoroso, revelando a identidade radical de seus escritores.

O trabalho artístico se torna uma forma de resistência à reificação do mundo e à dominação da mercadoria. Em suma, o conto e a poesia destacam a enxada como símbolo cultural de profundo significado, moldando a experiência e o comportamento das personagens. A mudança de ambiente provoca transformações significativas na trama. A narrativa celebra a resistência dos trabalhadores rurais e expõe questões como opressão, racismo, machismo e desigualdades sociais. A força da narrativa se torna uma redenção para toda a sociedade, ressaltando o protagonismo daqueles que foram silenciados.

REFERÊNCIAS

- BENEDICT, Ruth. **Padrões de cultura**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2021.
- BOAS, Franz. **A mente do ser humano primitivo**. São Paulo: Vozes, 2010.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares”. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 715-746, set./dez., 2009.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 9ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2006, 714 páginas
- CHAVEIRO, E. F. **A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial**. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 2005.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e histórias mais**. São Paulo: Global, 2014.
- CORRÊA, Ana Laura dos Reis (Professora UNB). Castro e Costa, Deane M. Fonseca de. (Professora UNB) 2007: **Literatura, trabalho e reificação em A enxada, de Bernardo Élis**
- DENÓFRIO, Darcy. **Antologia do conto goiano**. Goiânia: Ed. UFG, 1992.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. **Espiritualidades: múltiplos olhares**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.
- ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais** (contos goianos). Goiânia: OiÓ, 1959.
- ÉLIS, Bernardo. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1977.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. **Música e identidade no catolicismo popular: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno**. São Paulo: Edições Terceira Via, 2020a.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Um caminho nas Ciências da Religião: novas possibilidades para o catolicismo brasileiro. **Caminhos**, v. 18, p. 87-108, 2020b.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. **Religião e construções de sentido**. Jundiaí: Paco Editorial, 2022.

MARTINS FILHO, José Reinaldo F.; SILVA, Daniel Carvalho. **Religião, Arte e Cultura: multiplicidades convergentes**. Porto Alegre: Editora Fi, 2023.

MARTINS FILHO, José Reinaldo F.; VELOSO, Marcelo Gabriel de Freitas. A religião como fonte de sentido nas poesias de “Seu Freitas”. **Interações - Cultura e Comunidade**, v. 16, p. 73-92, 2021.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira**. Trad. L. de Barros e J. Simão. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

Contato da autora:

Autor: Marta Bonach Gomes
E-mail: martabonach@hotmail.com

Manuscrito aprovado para publicação em: 28/06/2024